



Imagem: Edvard Munch *A Dança da Vida* 1899-1900.

Aqueles dois, Ali

Vicente Franz Cecim

nem soubessem o que lhes havia acontecido:

Quando a Estrela cintilou, foi dentro, embora sendo também no Céu,
lá longe

Lá,

no
que não se vê

Quero dizer: ver, Vendo
Não como se olha as coisas com estes olhos que temos de quase nada mais ver no Lá,
de Onde, antes, víamos vendo.

ah aqueles dois, Aqui.

Fossem um homem e uma mulher, uma mulher e um homem, ou Aves, Ela com suas
penas de Cor, ele com suas penas Sem cor
Mas todo branco. Branco, branco, Branco. Como um sonho vazio.

fossem eles talvez peixes, ou insetos

De todos os modos, de ser. Daquela maneira sendo o Masculino o Feminino,

Coisas que se atraem repelem

Vocês sabem como somos, sendo.

Acariciamos pedras, lançamos pedras. Nossas mãos com ternuras, sem ternuras.
Depois, recolhemos as pedras que lançamos nos curvando para a terra,

tantas vezes tarde demais.

tarde demais

- Ele disse a Ela.

- Agora já começou a sangrar. Tarde demais, ela disse a ele, pois o sangue, após as unhas dEla, não fossem lágrimas descendo dos olhos dEle,

embora parecendo.

Mas as lágrimas logo vieram, seguindo o mesmo caminho do sangue. E, gota a gota, lágrimaSSangue, umas serpentes, deslizando, jorrando para a terra, sobre a Terra, aos seus pés.

- Tarde demais, ela dizendo.

E ele:

- Mas não te culpes, porque logo virão: o sangue coagulado, a cicatriz, e a cicatriz ficando branca, embranquecendo embranquecendo, Tu e Eu logo esqueceremos as tuas unhas ainda há pouco cravadas no meu Rosto

Foi como foi dito, e acima está escrito. E mais acima Acima

Lá

Quem tiver olhos para ler no Longe, leia

Passaram os dias.

Veio o sangue coagulado.

Veio a cicatriz.

Veio a Brancura imensamente do perdão de dentro dEle, olhando as penas dela, a Toda Azul

Ah, aqueles dois. Aqui.

Mas as suas lágrimas misturadas ao sangue mancharam o Centro muito Alvo do seu Peito.

E aquela mancha nunca mais sumiu.

Ali, a brancura não retornasse, não retornava

E Ele, se perguntando, olhasse o seu peito manchado na claridade do Lago

- Qual é o Lugar do Perdão?

E só a voz do vento, suavemente passando sobre a água não lhe dizendo nada, ou já isso a Resposta

aqueles dois, ah

Não fosse Ele ficar todo escuro, se Ela fizesse novamente aquilo.
As Unhas, ah

aqueles dois. Com mãos.

Na Noite as mãos deles se conheciam em Sonhos.

e o Vento, nas águas do lago. Suavemente

Silêncio.

Silêncio.

Amanhecia. Quantos dias houvessem passado desde a primeira vez. Pois a segunda vez veio.

O Segundo Dia das unhas dela no seu Rosto.

Para ela não fosse o Rosto, aquilo. Só um rosto que se tem na face e para nada?

Não recontar o já contado.

Porque nem sempre basta ser a Testemunha. Agora,
sintam em vocês unhas invadindo a carne, buscando lá no fundo o sangue, a Dor nele adormecido.

Despertou como um animal, uivasse.

Se erguesse no Leito.

No Escuro.

Em outra Noite, esta, passando por eles.

E Seu Peito ficou mais escuro. E a Mancha, no centro, se ampliando

E o seu Grito foi se misturar à voz do Vento passando sobre o Lago, em silêncio

Então,

silêncio e Som. E diz-se disso: Rugido de Dor.

E Espanto.



Quando amanheceu, saiu da casa para iluminar seu peito mais escuro sob o sol.
Tentasse daquela Luz recuperar a Alvura, mas quando a nova Noite, o peito escureceu mais
ainda, sem luz. O Centro Escuro,

escurecendo.

E no novo amanhecer, novamente tentasse: a Brancura perdida, sob o Sol.
Mas não vendo a Luz sem Sol,

não entendendo que a Luz só usasse o Sol para se manifestar, visível,

e não sabendo ver a Luz em si,

e pensando que era o Fogo do Sol que acendia aquela Luz,

como pudesse então restaurar a Brancura?

Peito escurecido.

E ficasse apenas se queimando mais ainda no fogo do sol, e à noite, na outra que veio

foi dormir,

mas não adormecia mais aquele peito, que pulsava, no Escuro,
mais escuro ainda

Aqueles dois.

Ele, Ela

Ela, Ele

Jamais teria havido um Nós não separando aqueles

2?

E a Luz também escurecendo no fundo dos Seus Olhos

Pois, antes, sim

teria havido um Nós

o

1

o nÓ

tendo pousado neles e os atado. Um ao outro, atados. Não para sempre?
Não
Para sempre não

Deixem eu lhes contar como se deu.
Quero dizer: Aquela Luz se dando a eles,

que havia vindo.

Antes destes dias de unhas, as Unhas,
e sangue coagulado, e peito Negro.

E Onde o Perdão? Qual seu Lugar agora no Escuro que crescia entre aqueles dois,

ah

aqueles dois, ele ela eles

Estavam
um dia na lentidão do Lago.

As Lentidões que nos preparam para as Dádivas.
Vocês sabem como é, como são
as Lentidões que nos preparam para Dádivas

- Sabem?

e na lentidão do Lago, as águas passando lá, mas não, como depois passariam nos
olhos dele, e dela, como verão

porque ainda não havia vindo o tempo das Lágrimas

Então,
a lentidão, o Lago, a Lentidão das águas penetrando neles e reduzindo as vertigens do
sangue, neles,

do Céu desceu uma Luz,

subitamente

que mergulhou seus Olhos na vastidão profunda do Céu
nos Seus Olhos.



E neles se instalou,
Se acrescentou.
A eles se Doou.
Se fundiu.

Como em todos nós, havendo olhos sem luz, no mais atrás dos olhos mesmo que por fora se olhe e se veja e se diga:
que olhos Claros, os teus

como em todos nós, neles, também, uns olhos, por trás dos olhos, numa penumbra, e sem Luz.

Mas aquela Luz, do Céu,
o Lago,
as Lentidões
não havia ainda lágrimas, seu Tempo ainda não chegara

e aquela Luz, descendo, Céu abaixo seus olhos

- Cintilaram.

Ah.
E foi um Fulgor com suas próprias Claridades, diz-se disso:

o aMor: a Miragem de Cinzas
pois quem poderia se manter encoberto Face ao que, a cada vez, nunca declina? Nos pergunta, em Heráclito, O obscuro

Se viram como não se vendo.
Ela e Ele, eles.
Que antes, se vendo, não se viam.
Era a Luz. Do Céu, descida
que Eleva.

Vocês sabem como é

Sabem?

E o Nós veio para aqueles dois

e $1+1=1$.

oh, a Graça recebida
Em plenos Olhos, plenamente

Não saberemos o que se deu. Não sabemos essas coisas, em nós, se existindo por elas mesmas, como Sonhos, devorados, vindo

e É em nós.

O Certo é que um dia, nela,
as Unhas.

e nele o sangue. A coagulação se dando, a Cicatriz
foram muitas as cicatrizes se formando

o Peito Escurecendo.

E onde,
Onde
O Lugar do Perdão?

Fosse o Animal despertando, neles vindo à tona, novamente,
E outra vez sua Sombra cobrindo a Luz do Céu, doada?

A Doadá, ah

Há esses dois, agora

Lá

No Lago,
As águas não se agitam. Passam
e, imóveis, o Lago e o Vento:

as Testemunhas da Tristeza.

A Casa fica perto do lago. Mas agora tão longe

Entre a Casa e o Lago se instalou uma presença escura,
a fechada passagem.

Diz-se: a Vida, quando se torna Pedra sem Luz.

Como se o Sol houvesse morrido até para o Fogo, que é seu Dom de iluminar incêndios

A Pedra Escura
entre eles e o lago

a Presença Negra, agora.

Nem vissem aquela Pedra, noturna, assim instalada entre seus olhos e a impossível
visão dos seus Rostos no Espelho, diz-se: de Água,
do Lago
de Luz.

Já nem vissem.

Depois vieram os dias em que, tendo rasgado mais uma vez mais vez a carne do seu
Rosto,
que nem rosto rostinho de nada já havendo se tornado

vieram os dias das Quedas das unhas

e se ela rasgava a carne
com Olhos Escuros,

e o peito dele, a Mancha no Centro se ampliando,

mais se enegrecia

- as unhas dela caíam. Ficavam ali, por ali, espalhadas pela terra, aos pés dele,

se afogando em lágrimas, em sangue.

E ele se curvava como quem está sofrendo,
se curva,
mas não era pela Dor:

apanhava as unhas, Colhia. Uma a uma,
e as depositava nas mãos dela,
estendidas.

Recolocava as unhas, uma a uma.
Ela.

Os dias passavam, agora Passando, e para sempre, para eles, esses dias que nunca mais
retornassem
os perdidos, para sempre, no Escuro

Dia e Noite

toda a vida escura para ela e ele, agora



E outro dia vindo,
outra vez as Unhas voltaram ao rosto de nada dele,
havendo voltado às mãos dela.

Caíam, as unhas, após a carne, ferida, rasgada, o Sangue, a Coagulação, a Cicatriz se formando, embranquecendo outra vez, no Peito a Mancha cada vez mais negra: a Negra

E onde,

Onde?

- O Lugar do Perdão?

Houvesse nele um Sentimento de Estrelas,
houvesse,
porém,
O Apesar,

pois depressa deu para colher as unhas com gestos não de semeador mas de colhedor de Sementes,
e já não as punhas nas palmas das mãos dela,
as estendidas

Em vez, colhidas as Sementes Unhas,
semeava, uma a uma, as Unhas
novamente nos dedos dela

o Gentil

ah Suavemente

Pretendes assim transformar aquelas Unhas de Dores em Lã de Ternura?

Convertê-las?

pretendes

pretendes

pretendes

lá,

está lá o Lago, que não se move,
o Vento, imóvel

Testemunhando isso: o Pretendesse, dele,

renovando o Pretendente

dela

pois queria,
ah,
ele e Ela

e como ele queria achar, com suas mãos em Sonhos, o Lugar, o Espelho

perdido,

no seu Peito Enegrecido,

do Perdão

Fim de Aqueles dois, Ali: Ele

e agora leiam este Tecido de Palavras não como Antes foi tecido, Desteçam: e releiam,
ou imaginem, invertendo as Mãos que Afagam & Apedrejam

Leiam, agora, Assim:

tarde demais

- Ela disse a Ele.

- Agora já começou a sangrar. Tarde demais, ele disse a ela, pois o sangue, após as
unhas dEle, não fossem lágrimas descendo dos olhos dEla,

embora parecendo.



Mas as lágrimas logo vieram, seguindo o mesmo caminho do sangue. E, gota a gota, lágrimaSSangue, umas serpentes, deslizando, jorrando para a terra, sobre a Terra, aos seus pés.

- Tarde demais, ele dizendo.

E ela:

- Mas não te culpes, porque logo virão: o sangue coagulado, a cicatriz, e a cicatriz ficando branca, embranquecendo embranquecendo, Tu e Eu logo esqueceremos as tuas unhas ainda há pouco cravadas no meu Rosto

Foi como foi dito, e acima está escrito. E mais acima Acima

Lá

Quem tiver olhos para ler no Longe, leia

Passaram os dias.

Veio o sangue coagulado.

Veio a cicatriz.

Veio a Brancura imensamente do perdão de dentro dEla olhando as penas dele, o sem Cor, como um sonho vazio

Ah, aqueles dois. Aqui.

Mas as suas lágrimas misturadas ao sangue mancharam o Centro muito Alvo do seu Peito.

E aquela mancha nunca mais sumiu.

Ali, a brancura não retornasse, não retornava

E Ela, se perguntando, olhasse o seu peito manchado na claridade do Lago

- Qual é o Lugar do Perdão?

E só a voz do vento, suavemente passando sobre a água não lhe dizendo nada, ou já isso a Resposta

aqueles dois, ah

Não fosse Ela ficar toda escura, se Ele fizesse novamente aquilo.

As Unhas, ah

aqueles dois. Com mãos.

Na Noite as mãos deles se conheciam em Sonhos.

e o Vento, nas águas do lago. Suavemente

Silêncio.

Silêncio.

Amanhecia. Quantos dias houvessem passado desde a primeira vez. Pois a segunda vez veio.

O Segundo Dia das unhas dele no seu Rosto.

Para ele não fosse o Rosto, aquilo. Só um rosto que se tem na face e para nada?

Não recontar o já contado. Mas reler o destecido

Porque nem sempre basta ser a Testemunha. Agora, sintam em vocês unhas invadindo a carne, buscando lá no fundo o sangue, a Dor nela adormecida.

Despertou como um animal, uivasse.

Se erguesse no Leito.

No Escuro.

Em outra Noite, esta, passando por eles.

E Seu Peito ficou mais escuro. E a Mancha, no centro, se ampliando

E o seu Grito foi se misturar à voz do Vento passando sobre o Lago, em silêncio

Então,

silêncio e Som. E diz-se disso: Rugido de Dor.

E Espanto.

Quando amanheceu, saiu da casa para iluminar seu peito mais escuro sob o sol. Tentasse daquela Luz recuperar a Alvura, mas quando a nova Noite, o peito escureceu mais ainda, sem luz. O Centro Escuro,

escurecendo.

E no novo amanhecer, novamente tentasse: a Brancura perdida, sob o Sol. Mas não vendo a Luz sem Sol,

não entendendo que a Luz só usasse o Sol para se manifestar, visível,



e não sabendo ver a Luz em si,

e pensando que era o Fogo do Sol que acendia aquela Luz,

como pudesse então restaurar a Brancura?

Peito escurecido.

E ficasse apenas se queimando mais ainda no fogo do sol, e à noite, na outra que veio

foi dormir,

mas não adormecia mais aquele peito, que pulsava, no Escuro,
mais escuro ainda

Aqueles dois.

Ela, Ele

Ele, Ela

Jamais teria havido um Nós não separando aqueles

2?

E a Luz também escurecendo no fundo dos Seus Olhos

Pois, antes, sim

teria havido um Nós

o

1

o nÓ

tendo pousado neles e os atado. Um ao outro, atados. Não para sempre?

Não

Para sempre não

Lembrem como se deu.

Quero dizer: Aquela Luz se dando a eles,

que havia vindo.

Antes destes dias de unhas, as Unhas,

e sangue coagulado, e peito Negro.

E Onde o Perdão? Qual seu Lugar agora no Escuro que crescia entre aqueles dois,

ah

aqueles dois, ela ele eles

Estavam
um dia na lentidão do Lago. Lembram?

As Lentidões que nos preparam para as Dádivas.
Vocês sabem como é, como são
as Lentidões que nos preparam para Dádivas

- Sabem?

e na lentidão do Lago, as águas passando lá, mas não, como depois passariam nos
olhos dela e dele, como verão

porque ainda não havia vindo o tempo das Lágrimas

Então,
a lentidão, o Lago, a Lentidão das águas penetrando neles e reduzindo as vertigens do
sangue, neles,

do Céu desceu uma Luz,

subitamente

que mergulhou seus Olhos na vastidão profunda do Céu
nos Seus Olhos.

E neles se instalou,
Se acrescentou.
A eles se Doou.
Se fundiu.

Como em todos nós, havendo olhos sem luz, no mais atrás dos olhos mesmo que por
fora se olhe e se veja e se diga:
que olhos Claros, os teus



como em todos nós, neles, também, uns olhos, por trás dos olhos, numa penumbra, e sem Luz.

Mas aquela Luz, do Céu,
o Lago,
as Lentidões
não havia ainda lágrimas, seu Tempo ainda não chegara

e aquela Luz, descendo, Céu abaixo seus olhos

- Cintilaram.

Ah.

E foi um Fulgor com suas próprias Claridades, diz-se disso:

o aMor: a Miragem de Cinzas
pois quem poderia se manter encoberto Face ao que, a cada vez, nunca declina?
Nos pergunta, em Herálico, O obscuro

Se viram como não se vendo.
Ele e Ela, eles.
Que antes, se vendo, não se viam.
Era a Luz. Do Céu, descida
que Eleva.

Vocês sabem? Como é

E o Nós veio para aqueles dois

e $1+1=1$.

oh, a Graça recebida
Em plenos Olhos, plenamente

Com esses Olhos se viram longamente, profundamente.
E eram como Um Só se vendo.
Adormecessem se vendo em sonhos, e nem pálpebras baixadas punham fim aquilo.
Aquilo. O Todo Encanto

Como saberiam como é, se vocês fossem

O Todo Encanto

Se esqueceram seus nomes, pois havendo se tornado

E onde,
Onde
O Lugar do Perdão?

Fosse o Animal despertando, neles vindo à tona, novamente,
E outra vez sua Sombra cobrindo a Luz do Céu, doada?

A Doadá, ah

Há esses dois, agora

Lá

No Lago,
As águas não se agitam. Passam
e, imóveis, o Lago e o Vento:

as Testemunhas da Tristeza.

A Casa fica perto do lago. Mas agora tão longe

Entre a Casa e o Lago se instalou uma presença escura,
a fechada passagem.

Diz-se: a Vida, quando se torna Pedra sem Luz.

Como se o Sol houvesse morrido até para o Fogo, que é seu Dom de iluminar
incêndios

A Pedra Escura
entre eles e o lago

a Presença Negra, agora.

Nem vissem aquela Pedra, noturna, assim instalada entre seus olhos e a impossível
visão dos seus Rostos no Espelho, diz-se: de Água,
do Lago
de Luz.

Já nem vissem.

Depois vieram os dias em que, tendo rasgado mais uma vez mais vez a carne do seu Rosto,
que nem rosto rostinho de nada já havendo se tornado

vieram os dias das Quedas das unhas

e se ele rasgava a carne
com Olhos Escuros,

e o peito dele, a Mancha no Centro se ampliando,

mais se enegrecia

- as unhas dele caíam. Ficavam ali, por ali, espalhadas pela terra, aos pés dela,

se afogando em lágrimas, em sangue.

E ela se curvava como quem está sofrendo,
se curva,
mas não era pela Dor:

apanhava as unhas, Colhia. Uma a uma,
e as depositava nas mãos dele,
estendidas.

Recolocava as unhas, uma a uma.
Ele.

Os dias passavam, agora Passando, e para sempre, para eles, esses dias que nunca mais retornassem
os perdidos, para sempre, no Escuro

Dia e Noite

toda a vida escura para ele e ela, agora

E outro dia vindo,
outra vez as Unhas voltaram ao rosto de nada dela,
havendo voltado às mãos dele.

Caíam, as unhas, após a carne, ferida, rasgada, o Sangue, a Coagulação, a Cicatriz se formando, embranquecendo outra vez, no Peito a Mancha cada vez mais negra: a Negra

E onde,



Onde?
- O Lugar do Perdão?

Houvesse nela um Sentimento de Estrelas,
houvesse,
porém,
O Apesar,

pois depressa deu para colher as unhas com gestos não de semeadora mas de colhedora
de Sementes,
e já não as punhas nas palmas das mãos dele,
as estendidas

Em vez, colhidas as Sementes Unhas,
semeava, uma a uma, as Unhas
novamente nos dedos dele

a Gentil

ah Suavemente

Pretendesse assim transformar aquelas Unhas de Dores em Lã de Ternura?

Convertê-las?

pretendesse

pretendesse

pretendesse

lá,

está lá o Lago, que não se move,
o Vento, imóvel

Testemunhando isso: o Pretendesse, dela,

renovando a Pretendente

dele

pois queria,
ah,
ela e Ele

e como ela queria achar, com suas mãos em Sonhos, o Lugar, o Espelho

perdido,

no seu Peito Enegrecido,

do Perdão

Fim de Aqueles dois, Ali: Ela

e se Tu lessees, em Ti, agora Uno, nem masculino nem feminino, este Tecido de
Palavras antes dele ter sido tecido com Unhas pela primeira vez?
é Bem Dentro da Carne e do Espelho Sutil

Relesses, Agora assim:

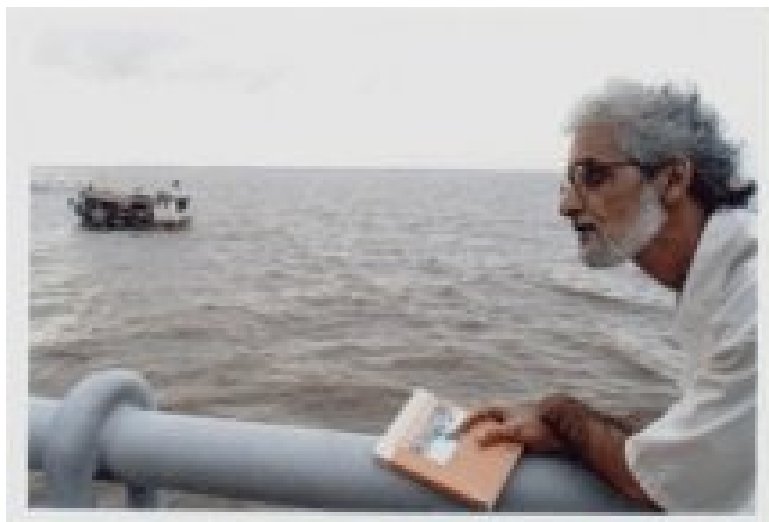
#

tarde demais

Fim de Aqueles dois, Ali

A viagem a Andara não tem fim





Vicente Franz Cecim é o autor de *Viagem a Andara* o *O livro invisível*, título geral de sua obra que inclui os livros visíveis: *A asa e a serpente*, Cejup, 2o. edição, Belém, 2004/*Terra da sombra e do não*, Cejup, 2o. edição, Belém, 2004/*Silencioso como o Paraíso*, Iluminuras, São Paulo, 1995/*O escuro da semente*, *Ver o Verso*, Lisboa, 2005./*Ó Serdespanto*, Bertrand Brasil, Rio, 2006/*oÓ: Desnutrir a pedra*, Tessitura, Belo Horizonte, 2008.

Por seus 7 primeiros livros, reunidos em 1ª. edição no volume *Viagem a Andara*, Iluminuras, São Paulo, 1988, recebeu o Grande Prêmio da Crítica da APCA – Associação Paulista de Críticos de Arte, que em 1980 já lhe havia atribuído o prêmio Revelação de Autor.